



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

INSTITUTO DE LETRAS

BACHARELADO EM LETRAS

ISABEL CRISTINA RIBEIRO

AS MULHERES DE *THE LIZZIE BENNET DIARIES*:
O PROTAGONISMO DAS RELAÇÕES FEMININAS NA
ADAPTAÇÃO DE ORGULHO E PRECONCEITO

SALVADOR

2016

ISABEL CRISTINA RIBEIRO

AS MULHERES DE *THE LIZZIE BENNET DIARIES*:
O PROTAGONISMO DAS RELAÇÕES FEMININAS NA
ADAPTAÇÃO DE ORGULHO E PRECONCEITO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Língua Estrangeira Moderna da Universidade Federal da Bahia – UFBA, como pré-requisito para a obtenção do título de Bacharel em Letras: Língua Estrangeira Moderna ou Clássica.

Orientador: Prof. Dr. Luciano Rodrigues Lima

SALVADOR

2016

A todos aqueles que sofreram sozinhos e silenciosamente para chegar até aqui, a todos que sofreram com as doenças da mente, que lentamente minavam suas forças e sua vontade de viver. Vocês são meus irmãos e meus heróis, e a conclusão deste trabalho é dedicada a vocês.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Luciano Rodrigues Lima, por ter dito sim ao meu apressado e nervoso pedido de orientação e por toda a paciência e compreensão durante a gestação deste trabalho.

À amiga Paloma Nunes por todo o apoio e carinho e por fazer a minha vida um pouco mais alegre.

A Bruna Borges.

A todos os amigos, colegas e professores que de alguma forma inspiraram e colaboraram para esta monografia.

A toda a minha família que, estando longe ou perto, sempre me mostrou seu carinho e incentivo.

Ao meu irmãozão Dinho por todo o amor e as caronas pra Ondina.

À minha Tia Derinha por todas as orações e pelo carinho.

E, acima de tudo, agradeço à minha mãe, Leda, por me apoiar e me manter forte, por nunca desistir de mim e por ser a razão da minha vida.

*Ela foi o sol da minha vida, o brilho de todos os prazeres, o consolo
para todos os sofrimentos.*

Cassandra Austen

RESUMO

Além do uso da ironia e dos personagens complexos e relacionáveis, a obra de Jane Austen se destaca pelos comentários sociais e pelo destaque ao universo feminino e as relações entre mulheres. Esses elementos estão presentes em *Orgulho e Preconceito* (1813), seu segundo romance, mas não aparecem nas adaptações audiovisuais da obra com frequência. A websérie ganhadora do *Creative Arts Emmy*, *The Lizzie Bennet Diaries* (2012-2013), utiliza o formato inovador da narrativa transmídia para adaptar o romance de Austen para o século XXI e dar voz a personagens consideradas secundárias. Esta monografia faz uma leitura crítica da websérie, analisando as escolhas feitas pelos realizadores em relação às personagens femininas e relacionando-as ao romance e às outras adaptações.

Palavras-chave: *The Lizzie Bennet Diaries*. Jane Austen. *Orgulho e Preconceito*. Mulheres. Adaptação.

ABSTRACT

Besides the use of irony and the complex, relatable characters, Jane Austen's literary work stands for the social commentary and for the emphasis on the feminine universe and the relationship between women. Those elements are present in *Pride and Prejudice* (1813), her second novel, but do not appear frequently in audiovisual adaptations of the work. The *Creative Arts Emmy* winner webseries, *The Lizzie Bennet Diaries* (2012-2013), uses the innovative format of transmedia storytelling to adapt Austen's novel to the 21st century and give voice to characters considered secondary. This paper makes a critical reading of the webseries, analyzing the choices made by the producers regarding the female characters and relating them to the novel and other adaptations.

Keywords: *The Lizzie Bennet Diaries*. Jane Austen. *Pride and Prejudice*. Women. Adaptation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – <i>Costume Theater</i>	Pg. 25
Figura 2 – Dois momentos sensuais de Darcy em adaptações	Pg. 29
Figura 3 - Gigi usa o Domino para ajudar Lydia	Pg. 41

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	OLHANDO PARA TRÁS ANTES DE SEGUIR EM FRENTE	14
2.1	O MUNDO E O TEMPO DE JANE AUSTEN	16
2.2	ORGULHO E PRECONCEITO	18
3	INTRODUZINDO <i>THE LIZZIE BENNET DIARIES</i>	21
3.1	A NARRATIVA TRANSMÍDIA	23
3.2	OS CRIADORES E SUAS ESCOLHAS	24
3.3	<i>THE LIZZIE BENNET DIARIES</i> EM UM MAR DE ADAPTAÇÕES	26
4	AS MULHERES DE <i>THE LIZZIE BENNET DIARIES</i>	30
4.1	A IMPORTÂNCIA DOS LAÇOS DE UNIÃO ENTRE AS MULHERES	30
4.2	LIZZIE BENNET E SUA TRAJETÓRIA	32
4.2.1	Jane Bennet	35
4.2.2	Charlotte Lu	36
4.3	“ <i>YOU ARE ONLY A SECONDARY CHARACTER IF YOU LET YOURSELF BE!</i> ” – ADAPTANDO LYDIA BENNET	37
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
	REFERÊNCIAS	45

1 INTRODUÇÃO

Em *The Lizzie Bennet Diaries*, é de seu quarto que Lizzie grava e transmite seus vídeos. Neles, a estudante de 24 anos fala sobre sua família, amigos e vida cotidiana, mas suas experiências, assim como as daquelas que a cercam, conseguem se comunicar com jovens do mundo todo. Da mesma forma, Jane Austen escrevia de sua casa no *countryside* inglês histórias sobre mulheres de seu tempo e de condições semelhantes às dela. Mas seus escritos revelaram uma universalidade e, de certa forma, atemporalidade intrigantes.

Jane Austen viveu em um momento de transição social, econômica e política para a Europa. Mas eram as transições pessoais que interessavam à autora. Os romances de Austen tratavam das relações sociais, das mudanças pessoais e da realidade feminina dentro da sociedade burguesa patriarcal. Como escreve Vivien Jones no prefácio de uma edição de *Orgulho e Preconceito*,

ela escreve, portanto, sobre mulheres e sobre classe: sobre formas de identidade e sobre o casamento como instituição política que reproduz – simbólica e literalmente – a ordem social. Uma intuição feminista importante do final dos anos 60 lembra que “o pessoal é político”; e o contrário também é verdadeiro. (JONES, 2011, p.15)

Muitas dessas características da escrita de Austen estão presentes em *Orgulho e Preconceito*, de 1813. No seu segundo romance, Austen narra a história de Elizabeth Bennet, a segunda de cinco filhas de uma família inglesa. Elizabeth se destaca das moças de sua convivência pela sua inteligência, bom humor e independência. Como não teve filhos homens, Mr. Bennet precisará deixar a propriedade para um primo, e suas filhas precisam se casar antes de sua morte se quiserem garantir um meio de sobrevivência para si e para as irmãs. Quando uma propriedade da região é alugada por um jovem rico e solteiro, a vida das moças Bennet começa a mudar. Jane, a mais velha, atrai as atenções de Mr. Bingley, o locatário, com a mesma intensidade que Mr. Darcy, seu amigo, atrai a antipatia de Elizabeth. A chegada de outros dois jovens, Mr. Collins e Mr. Wickham, à região e, eventualmente, a mudança de ares feita por Elizabeth movimentam a trama.

O romance tem como foco o desenvolvimento pessoal de Elizabeth, e é através de seu relacionamento com a família, com sua melhor amiga, Charlotte Lucas, e com Mr. Darcy que a personagem amadurece e muda seus preconceitos. O romance possui traços da vertente romanesca chamada de *bildungsroman* (romance de formação ou educação). A estrutura da obra é determinada pelo caminho percorrido pela protagonista, que

deixa-se marcar pelos acontecimentos e aprende com eles, tem por mestre o mundo e atinge a maturidade integrando no seu caráter as experiências pelas quais vai passando; [...] o seu encontro consigo mesmo significa também uma compreensão mais ampla do mundo. (FLORA, 2016, sem paginação)

Orgulho e Preconceito é a mais conhecida, estudada e adaptada obra de Jane Austen. E cada adaptação é “um diálogo não apenas entre linguagens, mas entre temporalidades, culturas e ideologias [que] permite uma variada releitura dessas personagens” (AZEREDO, 2013, p. 38). O mais recente desses diálogos é *The Lizzie Bennet Diaries*. Criada por Hank Green e Bernie Su, essa websérie¹ foi disponibilizada no *Youtube* entre 2012 e 2013. Nela, acompanhamos a história de Lizzie Bennet, uma estudante de pós-graduação que mora com os pais e as duas irmãs, Jane e Lydia. Como exercício acadêmico, Lizzie cria o seu *videoblog* com a ajuda de sua melhor amiga, Charlotte Lu. Os vídeos serviriam para documentar a vida simples de Lizzie e seu complicado relacionamento com a sua mãe, mas as coisas mudam com a chegada à cidade de Bing Lee, sua irmã Caroline, e de William Darcy.

O romance ainda está presente na narrativa, mas é o relacionamento entre as personagens femininas e sua relação com o mundo a principal característica de *The Lizzie Bennet Diaries*. A websérie resgata o foco na realidade feminina da obra de Austen, que quase nunca está presente na maioria das adaptações, e amplia as possibilidades e atenções dadas a personagens pouco desenvolvidas no romance como Charlotte Lucas, Georgiana Darcy e, principalmente, Lydia Bennet.

A decisão de tornar as relações femininas o centro da narrativa se destaca quando comparamos a websérie a outras adaptações do romance, que comumente valorizam o relacionamento amoroso entre Elizabeth e Mr. Darcy. Isso não quer dizer que uma adaptação seja melhor que a outra. A qualidade é relativa e a fidelidade ao texto fonte é um conceito ultrapassado no estudo das traduções, que inclui o estudo das adaptações. Toda tradução é uma leitura, o produto da expressão de um pensamento, e toda leitura é subjetiva. A leitura feita por Green e Su se aproxima de um aspecto importante da literatura de Austen negligenciado por outras adaptações e, por isso, se tornou interessante para um estudo.

O estudo de *The Lizzie Bennet Diaries* será feito à luz da teoria da adaptação proposta por Linda Hutcheon (2006) de que o prazer de acompanhar uma adaptação vem da

¹ Uma websérie é uma série com episódios lançados exclusivamente na internet, pelo *Youtube* ou serviços de *streaming*. Devido às restrições técnicas, webséries costumam ter episódios de curta duração, sendo a média entre três e dez minutos.

“repetição com variação”², do novo que surpreende dentro do familiar. Ainda segundo a autora, adaptações são obras palimpsestuosas³, constantemente assombradas pelos seus textos-base.

Se nós conhecemos o texto anterior, nós sempre sentimos sua presença lançando uma sombra sobre aquele que estamos experimentando. Quando chamamos uma obra de adaptação, nós anunciamos abertamente sua relação com outra obra ou outras obras. (HUTCHEON, 2006, p. 6)⁴

Portanto, a adaptação *The Lizzie Bennet Diaries* é o objeto de estudo central deste trabalho, mas a sua conexão com o texto de partida e, também, com outras adaptações é de suma importância para esta análise, pois “não podemos prescindir do diálogo que as próprias adaptações instauram entre si, constituindo-se mais um elemento significativo no processo de apreensão e compreensão que possamos ter de suas protagonistas” (AZEREDO, 2012, p. 40).

Estudarei nesse trabalho a websérie *The Lizzie Bennet Diaries* - especificamente o canal principal de mesmo nome e os canais secundários *The Lydia Bennet* e *Domino* – e o romance de partida, *Orgulho e Preconceito*. A adaptação literária *O Diário Secreto de Lizzie Bennet* e os elementos da narrativa transmídia apresentados em redes sociais servirão como suporte ao estudo (O segundo romance derivado da websérie, *As Épicas Aventuras de Lydia Bennet*, não será considerado por se passar em um diferente período temporal.). Adaptações e obras derivadas de *Orgulho e Preconceito* como a minissérie da BBC de 1995, o romance *O Diário de Bridget Jones* e sua adaptação cinematográfica e a minissérie *Lost in Austen* serão utilizadas como contrapontos ao objeto de estudo.

O objetivo deste trabalho é fazer uma leitura crítica da websérie, utilizando as ferramentas adquiridas ao longo do curso de Letras e analisando como os produtores transportaram as personagens femininas e seus conflitos para o século XXI, e discorrendo sobre como o formato da narrativa transmídia permite um maior aprofundamento na história.

O aporte teórico é formado por textos de Genilda Azeredo presentes no livro *Para Celebrar Jane Austen: Diálogos entre Literatura e Cinema* (2013) e o texto *Feminist Implications of the Silver Screen Austen* (2001) de Devoney Looser sobre a adaptação de

² “repetition with variation”

³ Palimpsesto. *substantivo masculino* 1. Papiro ou pergaminho que contém vestígios de um texto manuscrito anterior, que foi raspado ou apagado para permitir a reutilização do material e a posterior sobreposição de um novo escrito. 2. Texto que existe sob outro texto.

⁴ Minha tradução para “If we know that prior text, we always feel its presence shadowing the one we are experiencing directly. When we call a work an adaptation, we openly announce its overt relationship to another work or works”.

obras de Austen para mídias audiovisuais; pelos artigos de Sandra Guardini Teixeira Vasconcelos, *Construções do Feminino no Romance Inglês do Século XVIII* (1995) e *Literature and Cinema: Images of Femininity in Pride and Prejudice* (2002) sobre o contexto histórico da vida e obra de Jane Austen; e por publicações de Susan Celia Greenfield sobre *The Lizzie Bennet Diaries*. Serão utilizados também trechos dos blogs de Hank Green e Bernie Su, criadores da websérie, sobre as escolhas feitas durante a adaptação.

Para fins de organização, este trabalho será dividido em três capítulos. O primeiro capítulo tratará de Jane Austen, a situação da mulher em seu tempo e do romance *Orgulho e Preconceito*. O segundo capítulo introduzirá *The Lizzie Bennet Diaries*, relacionando as escolhas da adaptação e a ideologia por trás delas, discutindo o formato e sua importância para a narrativa e, por último, discutirá algumas adaptações de Austen. O terceiro capítulo focará no protagonismo feminino presente na obra de Austen e na websérie, analisando o resgate de algumas personagens e o destaque dado a elas. Será feita também, uma análise sobre a influência dessas personagens femininas no desenvolvimento de Lizzie e a importância dos laços femininos na vida em sociedade.

2 OLHANDO PARA TRÁS ANTES DE SEGUIR EM FRENTE

É uma verdade universalmente conhecida que qualquer texto sobre Jane Austen conterà a frase “é uma verdade universalmente conhecida”. Porém, graças aos esforços de sua família, quase não existem verdades conhecidas universalmente sobre a vida de Austen.

Após a morte da autora, em 1817, sua irmã e confidente, Cassandra, queimou a maior parte da correspondência da autora. Seu intuito era preservar a privacidade de Jane Austen. A decisão de Cassandra colaborou para o plano de seu irmão, Henry Austen, de manter certa imagem de Jane Austen. Henry foi o responsável pela publicação póstuma de *A Abadia de Northanger* (*Northanger Abbey*) e *Persuasão* (*Persuasion*), em volume único, onde ele acrescentou as *Notas Biográficas* (*Biographical Notice*). Nelas, o advogado informou que a autora daqueles romances e dos quatros anteriores (*Razão e Sensibilidade*, *Orgulho e Preconceito*, *Emma* e *Manfield Park*) era Jane Austen, e ela havia falecido.

Nas *Notas Biográficas* (*Biographical Notice*) e nas *Memoirs of Miss Austen*, publicadas quinze anos depois, Henry Austen tentou projetar a imagem da irmã que se encaixaria melhor nos padrões de comportamento feminino da época, “de autora apropriadamente feminina, não venal, amadora, privada, delicada e doméstica” (FERGUS, 1997, p.12, tradução minha)⁵. Ele alegava que Jane Austen era uma solteirona que ocasionalmente pausava seus afazeres para desfrutar de um inofensivo prazer, escrever histórias. Essas narrativas serviriam apenas como divertimento para amigos e família, mas graças ao seu indiscutível talento, Jane teve suas obras publicadas. Jan Fergus (1997) defende que Henry Austen tentava proteger o legado da irmã, pois

publicar seu próprio trabalho poderia ameaçar a reputação de uma mulher bem como sua posição social. Para qualquer mulher, a fama da autoria poderia se tornar infâmia, e romances eram particularmente repreensíveis [...]. Autoria de qualquer tipo implicava em publicidade, em colocar-se aos olhos do público – portanto, perda de feminilidade. (FERGUS, 1997, p. 13)⁶

Embora nós já tenhamos estabelecido que não existem verdades universalmente conhecidas sobre a vida e o comportamento de Jane Austen, a imagem divulgada por Henry Austen (e perpetuada por seus descendentes na Era Vitoriana) parece destoar do que é

⁵ Minha tradução para “ladylike, unmercenary, unprofessional, private, delicate and domestic author”

⁶ Minha tradução para “Publishing her own writing could threaten a woman’s reputation as well as her social position. For any woman, the fame of authorship could become infamy, and novels were particularly reprehensible [...]. Authorship of any kind entailed publicity, thrusting oneself before the public eye – thus loss of feminity.”

apresentado na obra da autora e nas cartas remanescentes. Seus textos demonstravam uma visão crítica da sociedade inglesa e tinham como principal característica a ironia. Austen levava seu trabalho como escritora a sério e se esforçou para ver suas obras publicadas. Resta aos estudiosos analisar a biografia conhecida de Austen e as características da sua escrita para chegar a alguma conclusão.

Nascida em *Steventon*, região do *Yorkshire*, em 1775, Jane Austen era a filha de um clérigo. Sua educação formal limitou-se a dois anos em um internato, de onde saiu após adoecer. Porém, Mr. Austen possuía uma vasta biblioteca do qual seus filhos e filhas podiam desfrutar livremente. E assim, Jane Austen o fez, lendo poesia, peças e romances até que o desejo de escrever nasceu no início de sua adolescência. O conjunto de pequenas histórias escritas como exercícios estilísticos e para a diversão da família conhecido como *Juvenília* data desse período. Apesar de não terem sido feitas para os olhos do público, essas histórias foram publicadas postumamente, como resultado do grande sucesso de Austen.

Austen nunca se casou. Tendo aceitado um pedido, mas recuado da decisão após algumas horas, a autora justificou seu comportamento à irmã defendendo que gostaria de se casar por amor e não por conveniência. Um destino dado a todas as suas protagonistas.

Jane Austen viveu em um movimentado período político e social. A autora foi testemunha histórica das revoluções Francesa e Americana e das Guerras Napoleônicas, e de suas consequências para a Inglaterra. Sua escrita e seu meio foram influenciados pela ascensão da burguesia. Dois de seus irmãos eram membros da Marinha Britânica. Sua prima e amiga, Eliza de Feuillide, teve o marido guilhotinado na França. Para muitos críticos, porém, Austen era uma solteirona que vivia alheia a esses acontecimentos. Devoney Looser defende que “o envolvimento de Austen (ou falta dele) na história e política sociais permanece uma interrogação acadêmica, mas a maioria concordaria hoje que vê-la como *ahistórica* significa ignorar sua perspicácia sobre a história social, se não política.” (2001, p. 161)⁷

Contudo, mesmo ciente do que acontecia no mundo, Jane Austen tomou a decisão estilística de escrever sobre “três ou quatro famílias de uma cidade do interior” (AUSTEN; JONES, 2004, p. 176)⁸. E era dentro desse microcosmo que Austen tecia suas opiniões e suas críticas. Seu foco era a realidade feminina, mas sem ignorar elementos políticos ou sociais. Como aponta a Professora Sandra Guardini T. Vasconcelos,

⁷ Minha tradução para “Austen’s involvement (or lack of it) in political and social history remains a scholarly question mark, but most would now agree that seeing her as ahistorical means ignoring her insights into social, if not political, history.”

⁸ Minha tradução para “3 or 4 families in a Country Village is the very thing to work on”

Austen dramatiza a situação das mulheres e, dando-nos uma imagem muito abrangente da identidade feminina, mapeia diferentes formas de conduta feminina na luta de seus personagens para o tipo certo de casamento (2002, p. 321)⁹.

Em sua obra, Jane Austen construiu retratos múltiplos e complexos de mulheres de seu tempo e classe social, que eram constantemente relegadas ao segundo plano nas narrativas até então. Mesmo recorrendo às histórias de amor e a visões tradicionalistas sobre alguns temas, “suas narrativas denunciam as amarras sociais e a falta de liberdade e oportunidades, principalmente em relação às mulheres, e ensaiam situações que subvertem e questionam aquele modo de ordem social opressiva e autoritária” (AZEREDO, 2013, p. 25).

Muitos discutem se Austen era tradicionalista ou feminista, se os casamentos socialmente adequados de suas protagonistas denotavam uma conformidade com as regras sociais vigentes ou eram uma forma de amenizar os elementos subversivos de seus romances centrados em personagens femininas. Há, porém, quem afirme que

essa coexistência de uma consciência ‘feminista’ com um conservadorismo essencial, de um impulso por uma reforma com uma prontidão para trabalhar dentro de estruturas tradicionais, é fundamental para a obra de Austen. (JONES, 2009, p. 285)¹⁰.

Após análise de sua biografia, sua obra e do contexto social e histórico em que viveu acredito que a afirmação de Jones seja verdadeira. A dualidade entre a crítica a aspectos da sociedade em que estava inserida (como a visão da mulher e sua capacidade intelectual e posicionamento moral) e a crença em elementos tradicionais (como religião, casamento e classes sociais) é o que torna a obra de Austen tão interessante e válida de estudos.

2.1 O MUNDO E O TEMPO DE JANE AUSTEN

A ordem social britânica havia sido modificada com a ascensão da burguesia. O capital agora provinha das atividades industriais e comerciais e a manutenção do poderio econômico e social dentro da classe burguesa dependia das relações familiares.

⁹ Minha tradução para “Austen dramatizes women’s plight and, by giving us a very comprehensive picture of female identity, maps out different forms of female conduct in her characters’ struggle for the right kind of marriage.”

¹⁰ Minha tradução para “This coexistence of a ‘feminist’ awareness with an essential conservatism, of an impulse for reform together with readiness to work within traditional structures, is fundamental to Austen’s fiction”

O poder político e econômico estava mudando de mãos e a combinação de capitalismo e protestantismo determinava novos papéis tanto para o homem como para a mulher, resultando numa nova concepção de casamento. O casamento e o amor, que sempre haviam sido mantidos dissociados pela aristocracia, passavam agora a ser vistos como inseparáveis pela burguesia puritana. (VASCONCELOS, 1995, p. 86)

O casamento, a fidelidade e, conseqüentemente, o papel da mulher na constituição da família passaram a ter grande importância social. A relação de amor no casamento valorizava a família, fortalecia a união entre burguesia e aristocracia e permitia a mobilidade social.

Ao mesmo tempo, o crescimento da indústria e a especialização de habilidades foram responsáveis pela escassez de colocações profissionais para mulheres das classes sociais mais baixas e diminuíram o tempo dedicado às tarefas domésticas tradicionalmente femininas. As mulheres tornaram-se então dependentes dos homens para sobreviver. O casamento era uma questão de vida ou morte. E o seu tempo livre era dedicado muitas vezes à literatura, principalmente os romances, um gênero literário que pela primeira vez demonstrava interesse por personagens femininas como seres complexos.

A educação feminina também passou a ser tema de discussão. A instrução das mulheres era aceita e até incentivada, em certo nível, por dois motivos: as moças deveriam se mostrar atraentes para os possíveis pretendentes, demonstrando domínio de atividades como música, dança, pintura, costura e bordado, francês, além de boa postura e conversação; por outro lado, certo conhecimento da língua inglesa, história e geografia geral eram desejáveis, uma vez que as mulheres eram responsáveis pela educação inicial das crianças. Qualquer pretensão intelectual que fosse além disso era vista com preconceito e desestimulada.

Ainda assim, algumas mulheres desafiavam essa visão e se arriscavam como escritoras. O tempo dedicado à leitura e a vida reclusa, observando aqueles que as cercavam, ajudou a formar o interesse de muitas mulheres pela escrita. Em *A Ascensão do Romance*, Ian Watt defende que “sob certos aspectos a sensibilidade feminina estava mais bem qualificada para revelar as complexidades das relações pessoais e, assim, detinha uma posição vantajosa no campo do romance” (1990, p. 259).

Muitas dessas mulheres, porém, escreviam para criticar as estruturas que produziam esse culto a certo tipo de feminilidade. O exemplo mais conhecido é Mary Wollstonecraft e seu *Vindication of the Rights of Woman (Reivindicações dos Direitos da Mulher)* (1792), onde ela defende que as características consideradas inerentemente femininas eram, na verdade, resultado da educação que as mulheres recebiam. Se recebessem uma educação

semelhante à dos homens, as mulheres poderiam alcançar mais do que apenas um casamento e a maternidade. Algumas romancistas contemporâneas de Austen como Charlotte Smith, Fanny Burney, Elizabeth Inchbald e Charlotte Lennox

conseguiram construir uma imagem alternativa de mulher. Sem de fato desafiar a hierarquia social ou a estrutura política, muitas delas criaram heroínas que não eram vítimas inocentes tentando se defender num mundo infestado de predadores masculinos, mas sim mulheres inteligentes, fortes e desembaraçadas. Em seus livros, elas se opunham à ideia de que a virtude feminina poderia ser colocada em risco pela educação, que defendiam como uma conquista importante. (VASCONCELOS, 1995, p. 98)

Austen se encaixa nesse grupo de mulheres, com todas as suas críticas e visões conflitantes do papel da mulher. Uma autora que escreveu “sem ódio, sem amargura, sem medo, sem revolta, sem sermão” (WOOLF, 2014, p. 99). O romance discutido neste trabalho, *Orgulho e Preconceito*, “entende a ‘independência intelectual’ das mulheres e suas oportunidades de um auto aperfeiçoamento racional como algo inteiramente compatível com o casamento ‘vantajoso’” (JONES, 2011, p. 30), com uma heroína que desafia as ideias de feminilidade da época, mas ainda se casa por amor com um homem socialmente superior, o que poderia ser considerado uma recompensa por seu comportamento.

2.2 ORGULHO E PRECONCEITO

Publicado em 1813, *Orgulho e Preconceito* foi seu segundo romance e conta com muitas características da escrita de Austen.

Trata-se da história de Elizabeth Bennet, uma jovem de 21 anos que tem um pai inteligente e bem-humorado, mas indolente, uma mãe casamenteira e exagerada e quatro irmãs solteiras e com diferentes personalidades. Elizabeth é a preferida do pai por causa da sua inteligência, independência e bom humor. Mrs. Bennet, por sua vez, prefere Jane pela beleza e doçura, e Lydia por ser tão parecida com ela, paqueradora, barulhenta e incontrolável.

Juntando-se ao grupo de moças da história - além de Mary e Katherine, as outras irmãs Bennet - está Charlotte Lucas, amiga íntima de Elizabeth. Miss Lucas tem poucas perspectivas de fazer um bom casamento aos 27 anos, e preocupa-se em ser um fardo para seus irmãos mais novos.

A vida dessas moças começa a mudar com a chegada à região de um jovem chamado Charles Bingley, solteiro e rico, acompanhado de suas irmãs, um cunhado e um amigo,

Fitzwilliam Darcy, solteiro e ainda mais rico. Enquanto Bingley encanta-se por Jane na primeira vez que se encontram, Darcy conquista a antipatia de Elizabeth ao recusar-se a dançar com ela por considerá-la “razoável, mas não é bonita o bastante para me tentar” (AUSTEN, 2011, p. 113).

O flerte entre Jane e Bingley e as disputas entre Elizabeth e, um cada vez mais arrependido, Darcy são interrompidas pela chegada de mais dois jovens a *Meryton*. Mr. Collins é o herdeiro de Mr. Bennet, um primo distante. O pároco deseja se casar com uma das primas para honrar o pai delas, que não pode deixar-lhes herança. Pedante e falsamente servil, Mr. Collins é constantemente alvo de chacotas por Mr. Bennet e as filhas, por mais que Mrs. Bennet tente agradá-lo. O oficial George Wickham, por outro lado, é todo carisma e amabilidades e logo conquista a todos na cidade. Ele revela conhecer Mr. Darcy desde a infância, e ao contar seu triste passado, conquista a atenção e simpatia de Elizabeth, que encontra um motivo mais concreto para odiar Mr. Darcy.

São essas as peças que se movimentam na narrativa de Austen. Jane e Bingley são separados por Mr. Darcy e Miss Bingley, que consideram a moça uma aproveitadora. Miss Lucas aceita casar-se com Mr. Collins após este ser rejeitado por Elizabeth. Lydia é seduzida e foge com Mr. Wickham, que mais tarde é forçado a casar com ela. Mr. Darcy declara seu amor por Elizabeth e é rejeitado, o que o leva a repensar suas atitudes e sua postura em sociedade.

Todos esses fatos, e o entendimento do que levou até eles, colaboram para o amadurecimento de Elizabeth. Ao compreender como sua família é vista pelos outros e como isso prejudica as suas perspectivas e de suas irmãs, ao aprender a não julgar as pessoas pela sua aparência e simpatia iniciais, ao ser forçada a aceitar que algumas mulheres têm situações de vida e ideais de felicidade diferentes, Elizabeth Bennet desenvolve “um discernimento sobre a vida, através da linguagem, das formas diferentes de dizer, interpretar e compreender” (AZEREDO, 2013, p. 16).

Como disse anteriormente, *Orgulho e Preconceito* é a mais conhecida e adaptada obra de Austen. Como acontece com os outros romances da autora, nessas adaptações, a história de amor tende a ter mais destaque que a crítica social. Muitos acreditam que

como a ironia não é facilmente traduzível para a tela, as adaptações de seus romances acabam valorizando as relações românticas, diluindo assim grande parte da crítica que a sua narrativa geralmente faz, através principalmente de seu discurso e tom irônicos, às convenções sociais de seu tempo, questões de decadência moral, às relações de poder entre

mulheres e homens, e entre indivíduos de classes sociais diferentes (AZEREDO, 1999, p. 41).

Em muitos casos, porém, a escolha pelo engrandecimento das relações amorosas é uma escolha ideológica deliberada que reflete o posicionamento político de cada autor ou a visão mercadológica de cada estúdio ou produtora, que vê *Orgulho e Preconceito* como um produto de nicho, destinado ao público feminino.

A mais recente adaptação de *Orgulho e Preconceito* discute temas como a situação social e financeira da mulher, as perspectivas de felicidade e realização que elas possuem, a influência das mulheres nas vidas umas das outras e as consequências do seu comportamento em sociedade sem abrir mão da história de amor ou do bom humor presente nas obras de Austen. Seu nome é *The Lizzie Bennet Diaries*.

3 INTRODUZINDO *THE LIZZIE BENNET DIARIES*

Criada por Hank Green e Bernie Su e disponibilizada no *Youtube* entre 09 de abril de 2012 e 28 de março de 2013, *The Lizzie Bennet Diaries* é apresentada em formato de *vlog* (*vídeo blog*) em 160 vídeos publicados em um canal principal (*The Lizzie Bennet Diaries*), que serve de fio condutor da história e onde é possível segui-la exclusivamente, e três canais secundários (*The Lydia Bennet*, *Maria Lu* e *Domino*), que dão mais profundidade à história e revelando fatos e apresentando perspectivas que Lizzie não poderia saber ou apresentar em seu canal.

A websérie conta a história de Lizzie Bennet, uma estudante de pós-graduação em comunicação em massa que vive com os pais e as duas irmãs, Jane e Lydia, em uma cidade da Califórnia. Como projeto acadêmico, Lizzie decide criar um *vlog* onde discutirá a própria vida e, principalmente, a relação com a mãe, que não compreende suas ambições acadêmicas e profissionais, e deseja casar as filhas com homens ricos.

Para gravar e editar os vídeos, Lizzie conta com a ajuda de sua melhor amiga, Charlotte Lu. As duas se conhecem desde o nascimento (no mesmo dia) e estudam juntas. Charlotte pertence a uma família menos estável financeiramente que a de Lizzie, e talvez esse seja o principal fator que contribui para que Charlotte seja um pouco mais cínica e pragmática que a amiga.

As irmãs de Lizzie não poderiam ser mais diferentes. Jane, a mais velha, é formada em moda e trabalha como assistente. Jane Bennet é doce, prestativa e não consegue pensar mal de ninguém. Lydia, por outro lado, apresenta-se como a caçula inconsequente. Aluna de uma faculdade comunitária, a imagem que temos dela é a de uma garota festeira, paqueradora e irresponsável. Essas quatro personagens serão o cerne da narrativa, que será mostrada por seus pontos de vista na maior parte do tempo.

Os planos de Lizzie de documentar sua rotina e a relação com a mãe são estragados pela chegada à cidade de um novo morador. Depois de uma visita à cidade para o casamento de um amigo, o rico estudante de medicina Bing Lee resolve comprar uma casa na região. Acompanham-no a irmã, Caroline Lee, e um amigo, o jovem empresário William Darcy.

Os personagens se conhecem no casamento e, enquanto Jane e Bing se encantam um pelo outro imediatamente, Lizzie sente antipatia por Darcy e suas maneiras na mesma velocidade. Outro forasteiro que chega à cidade e ajuda a piorar os sentimentos de Lizzie por Darcy é George Wickham. Bonito e charmoso, o técnico de natação divide com Lizzie e o público uma triste história que envolve uma traição de Darcy.

Junto com personagens como Ricky Collins, Mary Bennet (prima de Lizzie), Fitz Williams e Georgiana Darcy (a partir de agora, Gigi), esses são os ingredientes presentes na narrativa de *The Lizzie Bennet Diaries*, que moderniza *Orgulho e Preconceito* e atualiza os temas discutidos por Jane Austen. Como no romance, Lizzie e Darcy compreendem um ao outro e alcançam o final feliz, mas a felicidade de Lizzie vai além e se configura, também, no melhor entendimento daqueles que ama, como Lydia e Charlotte, e nos planos para a vida profissional que sempre desejou.

Embora siga o mesmo enredo do romance – há uma proposta feita por Ricky Collins e aceita por Charlotte, e Lydia também é vítima de um escândalo, por exemplo – *The Lizzie Bennet Diaries* precisa fazer mudanças ao transportar a narrativa para a Califórnia dos dias atuais. “Adaptação cultural envolve a migração para condições mais favoráveis: histórias viajam para diferentes culturas e diferentes mídias.” (HUTCHEON, 2006, p. 31)¹¹. Algumas atualizações são óbvias e esperadas: há uma maior diversidade no elenco (Charlotte Lu, Caroline e Bing Lee são asiáticos; Fitz Williams é negro e gay), as relações entre homens e mulheres é mais íntima, o uso da tecnologia é extenso.

Um aspecto muito importante é o quase apagamento das diferenças de classe. Os problemas financeiros ainda são parte importante na vida de Lizzie, que tem débitos estudantis a pagar e fica sabendo que a família corre o risco de perder a casa, de Charlotte, que tem os mesmos débitos e uma irmã prestes a entrar na faculdade, e de Jane, que não encontra um trabalho à altura de sua formação. Quando Gigi Darcy questiona onde os Bennet vão esquiar, contando sobre a propriedade de sua família em Aspen, ou quando Lizzie demonstra estar impressionada pela casa de Bing Lee, a websérie apenas parece querer demonstrar de onde vêm e que experiências tiveram os personagens. Mas, fundamentalmente, as diferenças de classe não movimentam a trama ou afetam os personagens, apenas sendo discutidas em alguns momentos.

Se Darcy não acha Jane adequada para Bing é, principalmente, por acreditar que ela se envolvera com outro rapaz. O ciúme que Caroline sente das Bennet com seu irmão e com Darcy é por causa de sua carência e da sua paixão pelo amigo. O comportamento de Lydia e de sua mãe também pesam para a visão negativa da família Bennet por alguns. É possível notar como a expressão da sexualidade feminina e o comportamento em sociedade ainda são importantes na narrativa.

¹¹ Minha tradução para “Cultural adaptation involves migration to favorable conditions: stories travel to different cultures and different media.”

A única personagem que demonstra uma visão classista – elogiando Caroline e Gigi por características ligadas às suas famílias e nascimento – é Catherine De Bourgh. Como no romance, a personagem personifica uma versão tradicionalista e antiquada da sociedade, servindo de contraponto à proposta dos autores (do texto de partida e da adaptação) e indo de encontro aos ideais dos outros personagens. A opinião da personagem parece influenciar Darcy, seu sobrinho, que chega a comentar sobre as diferenças de classe entre ele e Lizzie quando de sua primeira proposta. O personagem diz “As pessoas *esperam* que eu conviva em certos círculos, e *eu respeito os desejos da minha família*, mas não hoje.” e justifica com um apressado “É assim o mundo em que vivemos.” (THE LIZZIE BENNET DIARIES, 2013, Episódio 60, grifos meus)¹²¹³. É possível perceber como essas diferenças parecem um argumento fraco por parte do personagem, mais um eco de sua criação que uma crença. Mas logo o personagem se desfaz dessas amarras, sendo este o primeiro passo de sua transformação.

3.1 A NARRATIVA TRANSMÍDIA

The Lizzie Bennet Diaries é contada através de narrativa transmídia. Em seu livro *Cultura da Convergência*, o professor do MIT Henry Jenkins define a narrativa transmídia como uma história que “desenrola-se através de múltiplas plataformas de mídia, com cada novo texto contribuindo de maneira distinta e valiosa para o todo” (JENKINS, 2009, p. 138). Dessa forma, os produtores da websérie definiram que a narrativa não se restringiria aos vídeos de Lizzie. Todos os personagens de *The Lizzie Bennet Diaries* possuem perfis em redes sociais (*Facebook, Tumblr, Pinterest, Lookbook*). Através do *Twitter*, eles interagem constantemente, levando assuntos dos vídeos para outra plataforma.

Ao mesmo tempo, outras personagens também produzem e disponibilizam seus vídeos no *Youtube*. Para tentar mostrar que é mais popular que Lizzie, Lydia cria o próprio canal, que se torna extremamente revelador no decorrer da história. Como exercício durante um estágio na *Collins & Collins* (empresa de Ricky Collins, onde Charlotte aceita trabalhar), Maria Lu grava um total de sete vídeos com a participação da irmã. Para testar um novo aplicativo da empresa da família, Gigi Darcy apresenta os vídeos do canal *Domino*, muito úteis para mostrar certos fatos aos quais Lizzie não teria acesso.

¹² Minha tradução para “People expect me to travel in certain circles, and I do respect the wishes of my family, but not today. (...) But that’s the world we live in.”

¹³ Todas as traduções de diálogos da websérie são minhas.

No entanto, Bernie Su esclarece em seu blog que a “transmídia deve melhorar, mas não impedir, a experiência do público com a história principal” (2013, sem paginação)¹⁴. Portanto, a audiência pode acompanhar apenas o canal de Lizzie e obter todas as informações da história, mas para uma experiência mais imersiva e detalhada, existem os demais elementos da narrativa transmídia.

O uso da narrativa transmídia tem três resultados diretos. Primeiro, o controle do ritmo da história. Por apresentar a narrativa de forma fragmentada, os produtores podem manipular o suspense e a expectativa do público. Em segundo lugar, há um maior engajamento do público, que não apenas acompanha os *vlogs* secundários como segue os perfis dos personagens em redes sociais e interage com eles. O terceiro resultado é o aprofundamento dos personagens. Através de suas interações “longe das câmeras”, de suas declarações em redes sociais e dos vídeos de outros personagens conhecemos características e ações que não nos seriam apresentadas por nossa narradora original, Lizzie.

3.2 OS CRIADORES E SUAS ESCOLHAS

Ao lado do irmão John, Hank Green fundou o projeto *Vlogbrothers* como meio de experimentar a comunicação exclusivamente através da internet. A partir do sucesso do canal inicial, os irmãos Green desenvolveram outros projetos como *Crash Course*, *SciShow* e *How to Adult*, todos voltados para o aprendizado. Fã de *Orgulho e Preconceito*, Hank Green escolheu o romance como base para o seu novo projeto, uma narrativa para o *Youtube*, por se tratar de “uma linda história, muito pessoal, muito evocativa e, mais importante, de domínio público” (GREEN, 2012, sem paginação)¹⁵.

Ele entrou em contato com Bernie Su, produtor executivo, diretor e roteirista de webséries como *Lookbook*, *Black Box TV* e *Compulsions*. Juntos, Green e Su desenvolveram o projeto que teve seus primeiros episódios produzidos com dinheiro que Hank Green tirou da própria poupança. A eles se juntaram a produtora Jenni Powell, as roteiristas Margaret Dunlap, Rachel Kiley, Kate Rorick e Anne Toole, e o produtor de transmídia Jay Bushman, entre outros.

Como podemos notar, apesar de criada por dois homens, a websérie tem seu time de roteiristas formado quase que totalmente por mulheres. É delas a perspectiva no romance e

¹⁴ Minha tradução para “Transmedia should enhance but not prevent any viewer from enjoying the basic story”

¹⁵ Minha tradução para “It’s a beautiful story, very personal, very invocative and, importantly, in the public domain”

na adaptação. Os canais no *Youtube* pertencem a personagens femininas e os acontecimentos fora da tela são recontados através dos *costume theaters*, onde os personagens masculinos são apresentados através das interpretações e representações de Lizzie, Lydia, Jane, Charlotte e Mary Bennet. Os cinco personagens masculinos a aparecer em frente às câmeras, William Darcy, George Wickham, Bing Lee, Ricky Collins e Fitz Williams têm pouca participação. Como afirma Susan Celia Greenfield (2013), Darcy é um personagem importante na história que Lizzie conta, o que se aplica a vários outros personagens. Essa característica da websérie veio da decisão de enfatizar os laços afetivos femininos, uma característica latente nos textos de Austen. Outra característica importante é a exposição das diferentes personalidades e possibilidades de realização pessoal e felicidade na vida de uma mulher, algo que se torna o fio condutor de *The Lizzie Bennet Diaries*, bem mais que o romance entre Lizzie e Darcy.



Figura 1 – *Costume Theaters*

Ao falar das decisões da websérie, os produtores demonstram querer criar histórias que ressoem com as jovens mulheres dos dias atuais. Em seu blog, Bernie Su comenta que “as realizações na vida de uma mulher moderna não são necessariamente (e não deveriam ser) definidas pelo par com quem ela termina a história” (2013, sem paginação)¹⁶. Hank Green afirma que “mulheres poderosas devem, claro, existir na ficção da mesma forma que elas existem na realidade” (2013, sem paginação)¹⁷.

Por isso, os produtores preocupam-se em ampliar os horizontes das suas personagens, colocando como objetivo não apenas o encontro do amor, mas a realização profissional e, principalmente, o crescimento pessoal. Eles decidem dar voz a personagens secundárias, que servem apenas ao enredo do romance, como Georgiana Darcy, que exemplificam as

¹⁶ Minha tradução para “A modern woman’s life achievements isn’t necessarily (and shouldn’t be) defined by the quality of the mate she ends up with.”

¹⁷ Minha tradução para “Powerful women should, of course, exist in fiction just as they exist in reality”

dificuldades da mulher burguesa do século XVIII, como Charlotte Lucas, ou que têm uma conduta repreendida e castigada por Austen, como Lydia Bennet.

Em *The Theory of Adaptation*, Linda Hutcheon defende que os adaptadores “são tão inclinados a querer contestar a estética ou os valores políticos do texto adaptado quanto a prestar homenagem” (2006, p. 20)¹⁸. Os criadores de *The Lizzie Bennet Diaries* demonstram querer os dois.

3.3 THE LIZZIE BENNET DIARIES EM UM MAR DE ADAPTAÇÕES

Esse ato duplo de prestar homenagem e criticar, que leva a algo novo, é mais que a maioria das adaptações das obras de Austen consegue apresentar. Quase todas se atêm às histórias de amor e não criticam ou questionam o texto de partida ou o momento histórico em que foi gerado. A dificuldade em transpor a ironia do texto de Austen para as telas não é o único impasse na adaptação de obras da autora. A percepção da obra de Austen como “literatura para mulheres” exclusivamente leva muitas adaptações a focarem em elementos que estúdios, produtores e roteiristas consideram como de interesse feminino. O romance com toques de humor envolvendo uma moça inteligente e divertida e um cavalheiro bonito e contemplativo é uma receita para o sucesso mercadológico. Concentrando-nos apenas nas obras derivadas de *Orgulho e Preconceito*, podemos notar a valorização dos aspectos românticos da narrativa e uma mudança na demonstração de sentimentos dos personagens masculinos, o que os traz para mais perto dos ideais de masculinidade da mulher moderna. Essas mudanças se tornaram mais perceptíveis depois do lançamento da minissérie da BBC, de 1995.

Nessa obra, roteirizada por Andrew Davies, existe uma maior exposição dos sentimentos de Mr. Darcy. O personagem é visto observando Elizabeth com um olhar de desejo reprimido e fazendo atividades que parecem dar vazão a esses desejos – longos banhos, cavalgadas vigorosas, a redação atormentada de uma carta. Essa exposição de sentimentos culmina naquela que é chamada de “a cena da camisa molhada”. Ao retornar a *Pemberley*, frustrado por ter sido rejeitado por Elizabeth, Darcy resolve mergulhar em um lago. A cena parece querer ilustrar os sentimentos de angústia e desejo de Darcy, assim como espelhar a descoberta dos sentimentos de Elizabeth por ele. A personagem está em

¹⁸ Minha tradução para “are just as likely to want to contest the aesthetic or political values of the adapted text as to pay homage”

Pemberley com os Gardiner e acaba por encontrar com Mr. Darcy nos jardins. Darcy está com as roupas molhadas, parecendo sensual para Elizabeth e para a audiência.

A cena tornou a minissérie popular em todo o mundo e fez de Mr. Darcy (e Colin Firth, o ator que o interpreta) um favorito do público. Porém

o romance, é principalmente a história de Elizabeth (como todos os outros romances também são histórias de protagonistas mulheres), embora se trate de uma narrativa em que Darcy possui função proeminente. A adaptação da BBC, no entanto, efetua um deslocamento da centralidade da protagonista (Elizabeth), ao recriar um Darcy densamente potencializado em seus atributos de sensualidade e erotismo, algo que eleva seu status como personagem, transformando-o não apenas em protagonista, mas também símbolo sexual. [...] Poderíamos afirmar: a nossa visão de Darcy jamais foi a mesma depois de Colin Firth. (AZEREDO, 2013, p. 62)

Essa glamorização do personagem Mr. Darcy pode ter influenciado outras obras baseadas em *Orgulho e Preconceito*.

Em seu romance, *O Diário de Bridget Jones*, Helen Fielding constrói sua narrativa seguindo a personagem-título, uma mulher solteira e independente que busca a realização pessoal, profissional e amorosa. Apesar de algumas semelhanças com Elizabeth Bennet, a jornada de Bridget é muito mais calcada no romance. Até mesmo seus processos de auto descobrimento e de dedicação à carreira são iniciados após o fim de um relacionamento amoroso. É impossível negar, no entanto, que as preocupações de Bridget Jones se assemelham às preocupações de uma mulher de 30 anos dos anos 1990, que vê sua carreira estagnada e é vista por todos como uma mulher solitária e incompleta por ainda não ter se casado.

O romance segue o enredo de *Orgulho e Preconceito* e, no fim, Bridget conquista a realização pessoal e profissional e encontra o amor no homem que ela pensava odiar, Mark Darcy. Na adaptação cinematográfica, o personagem é também interpretado por Colin Firth, em um apelo dos produtores para o conhecimento prévio do público sobre o ator e do que ele representa, um ideal masculino.

Outra obra baseada em *Orgulho e Preconceito* é *Lost in Austen* (2008). A minissérie de quatro episódios conta a história de Amanda Price, uma jovem obcecada pelo romance de Austen e decepcionada com a vida e os homens modernos. A personagem encontra em sua casa uma passagem para *Longbourn*, a residência dos Bennet, e troca de lugar com Elizabeth. O conhecimento de Amanda sobre o destino dos personagens faz com que ela interfira na narrativa, mas seu amor pela obra é tão grande que ela está disposta a abrir mão de Mr. Darcy para salvar um dos romances mais importantes do cânone mundial. Mas a

Elizabeth de *Lost in Austen* adapta-se perfeitamente no século XXI, onde pode ser independente, trabalhar e não precisa se casar se não quiser, e decide ficar no nosso tempo. Ao fim da história, as duas decidem permanecer trocadas e Amanda encontra seu final feliz ao lado de Mr. Darcy, com direito a camisa molhada.

Assim, com as adaptações mais tradicionais de *Orgulho e Preconceito*, como o *Orgulho e Preconceito* de 1940 com Laurence Olivier e o belíssimo filme de 2005 dirigido por Joe Wright (que tenta dar alguma ênfase ao cotidiano da família Bennet e à amizade entre Elizabeth e Jane), essas obras acabam por valorizar os relacionamentos amorosos e dão maior importância aos personagens masculinos, como símbolos sexuais e românticos. Uma decisão compartilhada por outras adaptações de obras de Austen. No filme *Sense and Sensibility*, roteirizado por Emma Thompson e dirigido por Ang Lee, Edward Ferrars é um homem mais assertivo e menos tímido, e o Coronel Brandon, se assemelha mais a um herói romântico que no romance. Em *Mansfield Park* (*Palácio das Ilusões*, no Brasil), de Patricia Rozema, Edward Berthram se mostra um homem mais digno de Fanny Price, mas o efeito é diluído pela troca da personalidade da heroína por uma mais próxima de Jane Austen, uma escritora, crítica e perspicaz, que deseja independência.

Os produtores de *The Lizzie Bennet Diaries* estão cientes dessas adaptações e da fetichização do personagem Darcy. Em alguns momentos, eles até brincam com isso. Ao se apresentar, Lizzie afirma gostar de “chuva, romances clássicos e filmes estrelados por Colin Firth” (THE LIZZIE BENNET DIARIES, 2013, Episódio 2 – My Sisters: Problematic to Practically Perfect), em referência ao filme de 2005 – onde a primeira declaração de Darcy é feita na chuva – e ao sucesso de Colin Firth interpretando Mr. Darcy. Quando vai para a *Pemberley Digital*, a empresa de Darcy, a personagem fica sabendo da piscina no terraço do prédio (Episódio 77 – Tour Leader) o que levou muitos fãs a discutirem sobre uma possível cena envolvendo uma camisa molhada. Mas a websérie não vai além de algumas referências e provocações com a imagem de Darcy, inclusive ocultando seu rosto em sua primeira aparição (Episódio 59 – Staff Spirit). O William Darcy de *The Lizzie Bennet Diaries* é orgulhoso e tímido e também se aproxima de uma imagem mais moderna. Mas como o personagem aparece em apenas nove episódios da websérie, quase tudo que sabemos dele vem da perspectiva de Lizzie.



Figura 2 – Dois momentos sensuais de Darcy em adaptações

Em *The Lizzie Bennet Diaries* o foco é aquilo que talvez seja o aspecto mais subversivo da obra de Austen, as questões femininas e os laços entre as mulheres (VASCONCELOS, 2002). A websérie resgata o protagonismo feminino que Jane Austen apresentou em seus seis romances e que, em alguns momentos, se perdeu nas traduções.

4 AS MULHERES DE *THE LIZZIE BENNET DIARIES*

Muitos discutem se a escrita de Austen era ou não subversiva, revolucionária ou feminista. Mas, certamente, o aspecto de sua obra que mais se encaixa nesses conceitos é a ênfase na convivência entre mulheres, seus laços e suas realidades. As personagens femininas têm a voz nos romances de Austen, os personagens masculinos são apresentados no romance na presença e sob a perspectiva delas. Em uma sociedade patriarcal, onde a mulher era vista como subordinada ao homem, esse interesse no universo feminino e em seus relacionamentos era um ato de rebeldia e de resistência.

Como afirmam Troost e Greenfield, “cada roteirista, diretor e espectador vê os personagens de acordo com a sua ideia de feminilidade” (2001, p. 8)¹⁹, e os produtores de *The Lizzie Bennet Diaries* se esforçam para que essa visão seja múltipla e complexa. O maior exemplo dessa decisão dos produtores está na transformação de Lydia Bennet de personagem secundária no romance a quase protagonista na websérie, ao lado de Lizzie. Ao dar voz a uma personagem inesperada – e muitas vezes odiada -, a websérie força uma mudança de perspectiva no público, que esperava uma repetição da narrativa de *Orgulho e Preconceito*.

Assim como Austen apresenta um grupo de personagens femininas que “ilustram brilhantemente as possibilidades alternativas de conduta em uma sociedade que via as mulheres como passivos objetos do olhar masculino.” (VASCONCELOS, 2002, p. 322)²⁰, Su e Green se preocupam em criar personagens com diferentes ambições e visões de mundo. As mulheres de *The Lizzie Bennet Diaries* valorizam, almejam e conquistam coisas diferentes. Todas passam por um processo de amadurecimento que as torna mais fortes e independentes, e esse processo é causado ou auxiliado por outras mulheres. Com a ajuda umas das outras, essas mulheres superam traumas e ameaças, encontram o amor, iniciam a vida profissional e conhecem mais de si mesmas.

4.1 A IMPORTÂNCIA DOS LAÇOS DE UNIÃO ENTRE AS MULHERES

¹⁹ Minha tradução para “each screenwriter, director and viewer sees the characters as reflecting his or her ideas of womanhood”

²⁰ Minha tradução para “Her cast of female characters beautifully illustrates alternative possibilities of female conduct in a society which saw women as passive objects of the male gaze.”

Como preparação para a palestra intitulada *Um Teto Todo Seu*, Virginia Woolf pesquisa a presença das mulheres na literatura. Em certo ponto, a autora percebe como os relacionamentos entre mulheres são simples, na literatura.

Muita coisa foi deixada de fora, sem ser abordada. E tentei me lembrar de algum caso, no decorrer das minhas leituras, em que duas mulheres tivessem sido representadas como amigas. [...] É estranho pensar que todas as grandes mulheres da ficção tenham sido, até o advento de Jane Austen, não só retratadas pelo outro sexo, mas apenas de acordo com sua relação com o outro sexo. (WOOLF, 2014, p. 119-120)

Isso não significa que só existam personagens femininas que são boas umas com as outras. Austen apresenta em seus romances um tipo de personagem facilmente identificável e que serve de contraponto a sua proposta de união.

As personagens que não devemos gostar são aquelas que competem abertamente com outras personagens femininas, aquelas que estão “caçando maridos” ou são conspiradoras gananciosas. Elas podem fingir estar interessadas nas outras mulheres, mas têm apenas seus interesses (monetários e/ou sexuais) em mente. (LOOSER, 2001, p. 160)²¹

Em *Orgulho e Preconceito*, encontramos essa figura em Miss Caroline Bingley. Esnobe, arrogante e apaixonada por Mr. Darcy, Miss Bingley quer a todo custo afastar o irmão e o amigo das Bennet. Apesar de fingir gostar de Jane Bennet, a personagem ajuda Mr. Darcy a convencer o irmão a deixar Netherfield e o mantém desinformado da presença de Jane em Londres. Mas o leitor e Elizabeth conseguem ver quem ela é realmente.

Talvez sua contraparte na websérie, Caroline Lee, se encaixe ainda melhor nas características descritas por Devoney Looser. Ela vai além da convivência amigável e chega a professar sua amizade por Jane e Lizzie. Caroline não apenas concorda em guardar segredo sobre os vídeos de Lizzie, mas participa ativamente deles no período que Lizzie e Jane passam hospedadas na casa dos Lee. Como explanado por Charlotte, muito tempo depois (THE LIZZIE BENNET DIARIES, 2013, Episódio 64 – C vs C), a personagem apenas queria ter uma boa imagem em frente às câmeras, ter acesso a informações e incentivar Lizzie a falar mal de Darcy para a eventualidade de ele descobrir os vídeos, o que acontece, mas apenas depois que essa atitude é desmascarada.

O maior pecado de Caroline, porém, envolve Bing e Jane. Na tentativa de separar o irmão da nova namorada, ela aproveita uma festa em sua casa para convencer um bêbado

²¹ Minha tradução para “The women we should not like are the ones who openly compete with other female characters, the ones who are ‘husband hunters’ or greedy schemers. They may pretend to be interested in other women but have only their own interests (monetary and/or sexual) at heart.”

colega de faculdade de Bing a beijar Jane. O objetivo era que a cena fosse vista por Darcy. É graças a esse flagrante, que Jane nem se dá conta que aconteceu (ela afasta o rapaz e continua a aproveitar a festa), que Darcy convence Bing de que Jane não gosta tanto dele e todos saem da cidade. Caroline coloca outra mulher em posição de relativo perigo e utiliza o pré-julgamento negativo sobre o comportamento sexual feminino para atingir seus objetivos.

Contudo, a websérie se esforça para mostrar outro lado de Caroline ou, pelo menos, as raízes de seu comportamento. Através de sua conta no *Twitter*, podemos ver uma jovem mulher preocupada em agradar e manter a família e os amigos por perto. Após confrontar Lizzie, em cena que substitui o enfrentamento entre Elizabeth e Lady Catherine de Bourgh, ela é convidada a ficar para o jantar, pois Lizzie percebe quão insegura e carente é a personagem. Caroline até encontra seu final feliz em *Emma Approved*, a websérie dos mesmos produtores de *The Lizzie Bennet Diaries* e que adaptou o romance *Emma*, ao se casar com James Elton, um rico e bonito político. A personagem, porém, permanece repreensível em suas ações. Quando tenta ajudar uma mulher, é apenas com o intuito de espezinhar outra.

Como as exceções que confirmam a regra, personagens como Caroline Lee fogem ao ideal proposto por Austen e quase nunca desfrutam do laço de intimidade e amizade com outras mulheres. A websérie *The Lizzie Bennet Diaries* se pauta na importância da união entre as mulheres e demonstra como um grupo de jovens em processo de amadurecimento pode influenciar e até mesmo salvar umas às outras.

4.2 A TRAJETÓRIA DE LIZZIE BENNET

Quando discutimos as mudanças que ocorrem na adaptação, um aspecto que se destaca é o título. *Orgulho e Preconceito* refere-se aos defeitos que o casal protagonista, Elizabeth Bennet e Mr. Darcy, precisa superar. Desde o início é proposta uma jornada dupla de reavaliação e amadurecimento, sendo Mr. Darcy o herói de Austen que mais se modifica durante o romance até conquistar a protagonista feminina que serve de fio condutor e ponto de vista da narrativa.

Desde o seu título, *The Lizzie Bennet Diaries* mostra que se trata da história de Lizzie. Até mesmo a escolha dos produtores pelo formato de *vlog*, um diário, evidencia isso. A websérie se assemelha a um *bildungsroman*, onde é “o caminho percorrido pelo protagonista que determina a estrutura da obra” (FLORA, 2015, sem paginação). Seu canal introduz a história e nos apresenta os principais acontecimentos e personagens. Os outros canais

surtem a partir da separação da jornada de Lizzie. Lydia quer sua individualidade e seus vídeos são mais frequentes quando ela está afastada das irmãs. Maria Lu acompanha Charlotte até a *Collins & Collins* e é incentivada pela irmã a fazer seus vídeos. Gigi utiliza a nova plataforma de comunicação da empresa para ajudar as Bennet. Mas no final, tudo converge para a mesma narrativa e impulsiona e aprofunda a jornada de Lizzie Bennet.

Elizabeth Bennet é criada por Jane Austen como um modelo de mulher dos novos tempos (o século XIX). Inteligente, independente, perspicaz e bem-humorada, Elizabeth possui o tipo certo de rebeldia, na medida exata para se tornar progressista, mas não perigosa. Austen a descreve como “a criatura mais encantadora a aparecer em letras impressas, e como eu poderei ser capaz de tolerar aqueles que não gostarem dela, ao menos, eu não sei” (AUSTEN; JONES, pg. 137, 2004)²².

Lizzie começa os seus vídeos com o intuito de discutir os problemas de comunicação entre gerações. A ideia surge por causa da fixação da mãe de Lizzie com o casamento das filhas, considerando que elas desperdiçam suas vidas pensando tanto na carreira quando já deveriam estar procurando maridos. A situação se agrava quando uma antiga colega de Jane se casa. É na festa de casamento que Lizzie finalmente conhece Darcy. Mesmo que a personagem insista que não deseja falar de Darcy, ele e seus amigos passam a figurar com frequência nos vídeos de Lizzie. Suas impressões de suas personalidades e ações passam a ocupar tanto ou mais espaço nos vídeos quanto a senhora Bennet.

Ao longo de cem vídeos, o público testemunha o amadurecimento de Lizzie. A personagem precisa passar pela mesma educação que todas as heroínas de Austen, “um processo de conhecimento relevante sobre a vida, sobre elas próprias e sobre as relações amorosas e sociais” (AZEREDO, 2013, p. 23). O maior defeito de Lizzie é a rapidez de seu julgamento. Ela toma a reserva de Darcy por menosprezo, o charme de George Wickham por bom caráter e a personalidade esfuziante de Lydia por irresponsabilidade e egoísmo. “Regra número um sobre os diários de Lizzie: eles são os diários de LIZZIE. Ela vê o que ela quer ver.”²³, diz uma perceptiva Lydia (THE LIZZIE BENNET DIARIES, 2013, EPISÓDIO 37 - Lydia vs Mr. Collins).

Mas os acontecimentos daquele ano forçam a protagonista a rever seus julgamentos. Ao ler a carta de Darcy e conviver com ele, Lizzie aprende que George não é quem diz ser e que Darcy é uma boa pessoa e um amigo dedicado que só precisa, ele mesmo, aprender

²² Minha tradução para “I must confess that I think her as delightful a creature as ever appeared in print, and how I shall be able to tolerate those who do not like her at least, I do not know.”

²³ “Rule number one about Lizzie’s Diaries: They are LIZZIE’s diaries. She sees what she wants to see.”

algumas lições. A maior lição de Lizzie, porém, vem do relacionamento com Lydia. Tratarei desse relacionamento mais tarde, mas é importante ressaltar como Lizzie julga mal a irmã, descrevendo-a como “vadia” e “irresponsável” desde os primeiros vídeos. Como presente de 21 anos para Lydia, Lizzie compra o livro “*Onde eu estacionei meu carro? Um guia da garota festeira para se tornar uma adulta de sucesso.*” (THE LIZZIE BENNET DIARIES, 2013, Episódio 73 – 2+1)²⁴ e repete palavras que Darcy e Caroline usaram para descrevê-la. Lizzie apenas deseja proteger a irmã, mas a partir de seus julgamentos do que é correto. Ela se defende dizendo que

Nós vivemos em um mundo que julga muito e nossas vidas são muito públicas agora, o que é parcialmente minha culpa, mas eu não quero que a reputação de Lydia feche portas em seu futuro e ela precisa estar ciente disso. Ela não é mais uma criança! Eu tive boas intenções. Isso vale alguma coisa, certo? (THE LIZZIE BENNET DIARIES, 2013, Episódio 23 – 2+1)²⁵.

Lydia fica magoada e as duas param de se falar. Apenas muito tempo depois, Lizzie percebe o mal que causou ao julgar a irmã, critica-la abertamente na internet e não reconhecer suas qualidades. A websérie não esconde que Lizzie carrega e sente parte da culpa pelo que aconteceu com a irmã.

Lizzie aprende suas lições e decide seguir por um caminho de independência e reconciliação. Ela encerra os vídeos, pois sente que já compartilhou muito de sua vida na internet, “uma coisa é crescer e outra coisa é crescer na frente de dezenas de milhares de pessoas” (Episódio 100 – The End)²⁶. Lizzie recusa a proposta de Darcy de trabalhar na *Pemberley Digital* e se prepara para abrir a própria empresa em São Francisco. Ela não quer começar a vida profissional sendo conhecida como “a namorada do chefe”, mas fazer o próprio caminho, pelos próprios métodos. Aprendemos no livro *O Diário Secreto de Lizzie Bennet* que Mary se juntará a ela como contadora. Lydia irá junto, para estudar psicologia.

Ao analisar toda a trajetória de Lizzie, podemos notar o amadurecimento característico das heroínas de Austen. Ela está trabalhando para superar seu maior defeito, a rapidez e severidade de seu julgamento, e encontrou seu lugar no mundo, com relação aos outros e a si mesma. A websérie deixa claro como ela foi impulsionada por outras personagens femininas, para o bem e para o mal. Sua reconciliação com Lydia é um grande fator em sua

²⁴ “Where did I park my car? A party girl guide to become a successful adult”

²⁵ “We live in a very judgmental world and our lives are very public now, which is partly my fault, but I don’t want Lydia’s reputation to close doors for her in the future and she needs to be aware of that. She’s not a kid anymore! I meant well. That counts for something, right?”

²⁶ “There’s growing, and there’s growing in front of tens of thousands of people.”

mudança, e Jane e Charlotte, suas melhores amigas, são peças muito importantes na jornada de nossa protagonista. É com as duas (e com o público) que a personagem divide seus problemas e é das duas que ela mais recebe conselhos, apesar de terem visões de mundo tão diferentes. A jornada de Lizzie se entrelaça com a história dessas personagens e é muito difícil analisá-las separadamente.

4.2.1 Jane Bennet

Doce e generosa, Jane era vista como passiva e ingênua pela irmã. Características presentes em sua contraparte literária. A partida de Bing Lee, sem qualquer aviso, parte o coração de Jane, que acredita ter perdido o namorado e a amiga. Ela então resolve aceitar um emprego em Los Angeles, uma grande oportunidade que irá mantê-la ocupada e que pode proporcionar um reencontro com Bing. Apesar de ainda estar apaixonada, Jane afirma que está focada em sua vida profissional. Quando em Los Angeles, Jane procura por Caroline, que a evita e não comenta com Bing sobre a sua presença. Após algum tempo, em uma breve visita à família, Jane surpreende Lizzie com sua nova postura. Ela está mais capaz de perceber as más intenções das pessoas, mais independente e assertiva. Sem perder suas boas características, Jane amadurece e se mostra mais preparada para o mundo. Essa Jane Bennet é uma jovem do século XXI, não precisa de Bing para sobreviver e, portanto, não espera por ele para buscar seus objetivos.

Quando Lizzie reencontra Bing na *Pemberley Digital*, ela promete que não interferirá na relação dele com Jane, mas acaba o aconselhando a tomar as próprias decisões e a procurá-la, se assim quiser. É um conselho que visa tanto o bem-estar de Jane, que pode ainda estar apaixonada por ele, quanto o de Bing, uma pessoa boa que se deixou manipular pela mal-intencionada irmã e pelo equivocado amigo.

Jane perde o emprego em Los Angeles quando larga tudo e volta pra casa para estar ao lado das irmãs, quando o escândalo de Lydia acontece. Pouco depois de esse problema ser resolvido, Bing retorna à cidade querendo o perdão de Jane. Ela o perdoa, mas afirma que eles serão apenas amigos. Mas quando Jane consegue um emprego em New York, Bing pede para acompanhá-la à cidade, para que eles possam continuar tentando se aproximar. Após certa relutância, ela aceita, deixando claro que cada um terá seu próprio apartamento e que ela se dedicará, principalmente, ao novo emprego. Quando comentando a reaproximação dos

dois, Lizzie diz que acabará com Bing se ele magoar a irmã de novo, ao que Jane responde “não até eu acabar com ele primeiro” (Episódio 90 – Something Lighter...Please)²⁷.

Jane Bennet é uma personagem que pode desafiar a percepção do público sobre o que é uma mulher moderna. Suas principais características estão relacionadas a um ideal feminino que perdura há séculos. Sua doçura, seu romantismo e seu recato podem ser vistos como ultrapassados. A websérie reconhece isso ao dar à personagem um guarda-roupa no estilo *retrô*, por exemplo, ou ao mostrá-la fazendo atividades tradicionalmente consideradas femininas, como costurar e cozinhar. Mas desde o início Jane é apresentada como uma mulher dinâmica e empenhada em sua vida profissional. *The Lizzie Bennet Diaries* consegue mostrar que a perda da ternura não é um pré-requisito para ser uma mulher moderna forte e independente. Existem várias maneiras de ser assim.

4.2.2 Charlotte Lu

Charlotte Lu é responsável por filmar e editar os vídeos de Lizzie. As duas fazem pós-graduação em comunicação de massa, mas possuem visões muito diferentes quanto ao futuro. Lizzie acredita que sucesso e felicidade são alcançados por qualquer pessoa que seja inteligente e trabalhe duro, Charlotte os vê como uma questão de “sorte, trabalho duro e mais sorte” (THE LIZZIE BENNET DIARIES, 2013, Ep. 16 – Happiness in the Pursuit of Life)²⁸. Enquanto Lizzie sonha em fazer algo relevante para o mundo com seu diploma, Charlotte afirma que, apesar de ter as mesmas intenções, aceitaria um bom emprego mesmo que o resultado não mudasse o mundo. É o que ela faz ao aceitar a oferta de Ricky Collins.

Ao ver sua família se afundando em dívidas, sabendo que sua irmã logo entrará na universidade e que ela mesma ainda possui débitos estudantis, Charlotte aceita trabalhar com Ricky Collins e abandonar a pós-graduação. A recusa de Lizzie em aceitar a decisão da amiga gera um conflito entre as duas. Charlotte deixa claro que está procurando a sua própria forma de realização profissional.

Lizzie está errada porque ela ainda é imatura o bastante para acreditar que se você não quer fazer as mesmas coisas que ela quer, se não quer fazer os mesmos sacrifícios que ela faz, então você está falhando. Ela ainda não

²⁷ “Not until I kick it first”

²⁸ “Luck, hard work, and more luck”

aprendeu que nem todo mundo precisa do que ela precisa para ser feliz.
(CLEMENTS apud CHUNG, 2014, sem paginação)²⁹

As duas se afastam temporariamente, mas sentem a falta uma da outra, como Lizzie deixa claro em seus vídeos, e Maria Lu nos mostra em seu canal.

Depois de algum tempo, Charlotte e Lizzie se reaproximam, e Lizzie vai visitar a amiga no novo emprego. Ela admite que o trabalho de Charlotte é muito bom e que decidir trabalhar na *Collins & Collins* foi um acerto. Charlotte ainda participa dos vídeos com frequência e ajuda a amiga e suas irmãs em momentos de dificuldade. É ao lado de Charlotte que Lizzie encerra seus vídeos, ponderando sobre o caminho que percorreram até ali e os efeitos dos vídeos em suas vidas. Apesar das diferenças ideológicas, as duas possuem uma amizade forte e que prometem fazer durar para a vida toda.

Os produtores da websérie declararam que sua intenção era fazer de Charlotte uma força a ser reconhecida. Apesar de ser vista como uma personagem quase trágica no romance, uma mulher que precisa casar com um homem que apenas tolera para poder cumprir o papel que a sociedade espera dela, Charlotte Lucas nunca foi apontada como uma personagem querida por muitos. Mas Bernie Su e Hank Green decidiram que a Charlotte da websérie seria uma personagem mais presente, mesmo após a briga com Lizzie. Prática e de pensamento crítico, Charlotte é uma amiga dedicada, mas capaz de apontar os erros de Lizzie e cobrar que suas ações sejam melhores. Bernie Su, em seu blog, cunhou o termo “Efeito Oba, Charlotte!” (*The Yay, Charlotte! Effect*) (SU, 2012, sem paginação). Sua intenção era que essa fosse a reação do público ao ver que a personagem estaria presente em cena. “Por causa da forma como eles adaptaram sua história, muitos fãs disseram que foram capazes de revisitar a Charlotte do romance a partir de uma perspectiva diferente.” (CHO apud CHUNG, 2014, sem paginação)³⁰. Charlotte é, depois de Lydia, a personagem que mais se beneficia da decisão dos produtores de destacar as personagens femininas. E, junto com ela, se torna uma das favoritas dos fãs de *The Lizzie Bennet Diaries*.

4.3 “YOU ARE ONLY A SECONDARY CHARACTER IF YOU LET YOURSELF BE” – ADAPTANDO LYDIA BENNET

²⁹ Minha tradução para “Lizzie is in the wrong because she’s still immature enough to believe that if you don’t want the same things she wants, make the same sacrifices she makes, then you’re failing. She hasn’t yet learned that not everyone needs what she needs to be happy”

³⁰ Minha tradução para “Because of the way they adapted her story, a lot of fans said they were able to revisit the Charlotte of the novel from a different perspective.”

O termo *slut-shaming*³¹ não existia no século XIX, pois se tratava de uma ação automática. Existia um código de conduta para as mulheres (e para os homens, embora menos restrito), e aquelas que o descumpriam eram tratadas como párias e afastadas do convívio das moças que seguiam o código corretamente. Elas não atraíam nenhuma simpatia.

Por ter quebrado esse código, quando Lydia Bennet foge com George Wickham, a preocupação do leitor é com a reputação dos Bennet e com o futuro das outras irmãs. Moças relacionadas a uma mulher que esteve com um homem fora do laço matrimonial têm sua reputação manchada também. Elizabeth pensa que Darcy está perdido para sempre. Mas é Darcy quem encontra o casal e soluciona o problema, convencendo Wickham a se casar com Lydia. Sem se dar conta – ou sem se importar – do perigo que correu ou do mal que quase causou, Lydia “continuava a mesma Lydia: indócil, despudorada, fogosa, ruidosa e destemida” (AUSTEN, 2011, p. 449). Isso é tudo que conhecemos da personagem. Depois de casadas, Jane e Elizabeth ajudam a irmã financeiramente com suas economias, mas o convívio com as irmãs solteiras é evitado.

Lydia é apresentada ao público seguindo o comportamento de sua contraparte literária. Festeira e namoradeira, a Lydia do século XXI tem vinte anos e exagera no álcool e nas compras. Sua dedicação aos estudos não é das maiores, o que a torna ainda mais diferente das irmãs. Mas o espectador que prestar atenção em suas atitudes e expressões, e não no barulho e nas cores, pode perceber que existe mais na personagem. Os responsáveis por *The Lizzie Bennet Diaries* deram à personagem Lydia Bennet uma história e personalidade mais aprofundadas. Lydia é a personagem com o arco dramático mais acentuado, ao lado de Lizzie, e o mais independente do romance. Ao público é possível acompanhar Lydia em seu canal, *The Lydia Bennet*, em momentos que não envolvem a irmã e que revelam sua insegurança e carência e seu companheirismo.

Desde o início, Lydia demonstra querer estar ao lado das irmãs e partilhar de sua amizade. Sabendo que não será convidada a participar, ela constantemente invade o quarto da irmã em momentos de gravação. Além disso, a personagem dá sinais constantes de seu carinho pelas irmãs e pela prima. O que não a impede de xingar Lizzie de ‘nerd’ ou ‘loser’ e de afirmar que ela será eternamente solteira, mas os seus gestos atenciosos são muito mais intensos. Quando Jane, Charlotte e George deixam a cidade, Lydia vai ao quarto de Lizzie

³¹ Do inglês, *slut*, gíria para se referir a mulher promíscua, prostituta e *shaming*, de *shame*, verbo de envergonhar, causar vergonha. É uma forma de estigma social aplicada a pessoas, especialmente mulheres e meninas, que são estigmatizadas por violar as expectativas tradicionais de comportamento sexual.

com filmes e chocolate para consolá-la e fazer-lhe companhia. Lizzie reconhece que foi uma atitude doce e esse é um dos poucos momentos em que elas parecem ter um momento de verdadeira amizade. Após o término de Jane e Bing, Lydia ajuda a irmã a procurar um apartamento e ouve suas confidências quando a visita em Los Angeles.

Mas é com Mary que ela firma a mais forte amizade. Quando forçadas a conviver, Lydia e a prima se aproximam e, após alguns estranhamentos, tornam-se amigas. Mary é tímida e reclusa e Lydia a incentiva a socializar e fazer novos amigos. Por sua vez, Mary ajuda Lydia a estudar e ser mais responsável. Existe uma relação de apoio mútuo que se estende até depois do período da websérie (as duas fazem planos de dividir um apartamento em São Francisco). É para Mary que Lydia revela um lado mais frágil e uma ligação muito forte com a família. Em determinado momento, ela diz “Eu nunca iria atrás de um cara que Lizzie namorou. Garotos vêm e vão, mas irmãs são para sempre!” (THE LIZZIE BENNET DIARIES, 2013, Episódio 11 de The Lydia Bennet – Girl Talk)³².

Esta atitude só é modificada quando reencontra George Wickham, na noite de Ano Novo, após a grande briga com Lizzie. Através dos vídeos seguintes é possível perceber que George tem alguma intenção obscura. Ele começa a manipulá-la, isolando-a, virando-a contra as irmãs, fazendo-a se sentir culpada por seu comportamento. Lydia se torna dependente dele. Os efeitos de um relacionamento abusivo são apresentados pela websérie na voz mais fraca de Lydia, em suas roupas que vão de coloridas a tons de cinza.

Os objetivos de George se tornam claros depois de algum tempo. Um site entra no ar, anunciando um vídeo erótico dos dois, a ser lançado em quinze dias, no Dia dos Namorados. Ele utiliza a sexualidade de Lydia, um aspecto já criticado por Lizzie abertamente na internet, para ferir as duas. Desesperada, Lydia não sabe como isso aconteceu, mas o espectador sim.

Lydia tem uma personalidade esfuziante, mas se mostra uma moça insegura que deseja a aprovação das irmãs. Jane é sempre doce e atenciosa, mas Lizzie nem tanto. Lizzie descreve a irmã como “a *stupid whorey slut*” (“uma estúpida vadia oferecida”) (THE LIZZIE BENNET DIARIES, 2013, Episódio 02 – My Sisters: Problematic to Practically Perfect) logo no segundo episódio, e repete o xingamento no episódio seguinte, mas retira o que disse, quando Lydia protesta. Lizzie ignora os esforços da irmã para agradar e quando Lydia afirma que ela não ficará sozinha agora que Jane passa muito tempo com Bing, ela responde “Ah, sorte a minha, eu fico com a louca por garotos, completamente irresponsável

³² “I would never go after someone Lizzie dated. Boys come and go, but sisters are forever!”

e que abusa de substâncias!” (Episódio 23 – One Sister Behind)³³, magoando a irmã, embora ela não o demonstre.

Apesar de o comportamento de Lizzie nascer de uma preocupação genuína com a segurança e o futuro da irmã, ela soa, por vezes, maldosa e indiferente. Como aconteceu com Charlotte, Lizzie erra ao julgar a irmã baseando-se em suas próprias crenças e preconceitos. Lizzie repele a irmã por ela ser diferente e não ter os mesmos ideais e objetivos que ela, principalmente no que se refere à expressão da sexualidade. Lydia se sente desvalorizada e alheia ao relacionamento de Lizzie com Jane. E é esse tipo de situação que leva Lydia a se afastar da família e dos amigos e se aproximar de George Wickham.

O resgate de Lydia conta com a participação de outra personagem feminina, Gigi Darcy. Ela foi vítima de George, que a seduziu visando se vingar e extorquir Darcy. Ao perceber que George está fazendo o mesmo com Lydia, para se vingar de Lizzie por tê-lo desmascarado na internet, Gigi conta sua história em um vídeo de Lizzie. Ela está tentando alertar as duas irmãs. Ao discutir a atitude do irmão de lhe esconder a verdadeira índole de George, ela afirma “Manter alguém ignorante não é protegê-lo. Na verdade, pode até colocá-lo em perigo.” (THE LIZZIE BENNET DIARIES, 2013, Episódio 82 – Checks and Balances)³⁴. Como Lizzie havia parado de assistir os vídeos de Lydia, ela não percebe o que está acontecendo. Quando o site é lançado, nós acompanhamos, através do aplicativo *Domino* da *Pemberley Digital*, os esforços de Gigi para ajudar Lydia. Ela cobra uma atitude do irmão e procura apoio em Fitz Williams. Mas é a própria Gigi quem possibilita o salvamento de Lydia.

Vendo o fim do prazo se aproximar, Gigi cria coragem e liga para George ela mesma. George aceita os “Termos e Condições” do *Domino* para poder falar com Gigi por vídeo. É dessa forma que Darcy é capaz de rastreá-lo, comprar a companhia que lançaria o vídeo e todas as demais cópias. Desde o momento em que percebe a aproximação de Lydia e George, Gigi tenta ajudar as Bennet. Primeiro discretamente, contando o que George fez no passado, depois tomando para si a responsabilidade de parar George. Ela diz para o irmão “Eu também vou ajudar. Eu estou mais forte agora. Nós não podemos deixar esse homem magoar mais ninguém. *Eu preciso te ajudar.*” (THE LIZZIE BENNET DIARIES, 2013, Episódio 2 do canal *Domino* – Messages)³⁵ (grifo meu).

³³ “Oh, lucky me, I get to keep the boy crazy, completely irresponsible substance abuser”

³⁴ “Keeping someone ignorant isn’t protecting them. It can actually endanger them, you know?”

³⁵ “I’m helping too. [...] I’m stronger now. [...] We cannot let this man hurt anyone again. I need to help you.”

Em um exemplo da importância da solidariedade entre mulheres, a atitude de Gigi serve não apenas para salvar Lydia - uma mulher que ela não conhecia, mas por quem sentia forte empatia -, mas permite que ela enfrente seu passado e supere um trauma. É um processo conjunto de cura e salvação para duas mulheres muito diferentes, mas que foram vítimas do mesmo homem. Após o término de *The Lizzie Bennet Diaries*, Gigi segue o próprio caminho de forma independente e mais segura em *Welcome to Sanditon*, websérie que adapta um dos romances inacabados de Jane Austen, *Sanditon*.



Figura 3 - Gigi usa o Domino para ajudar Lydia

A situação de Lydia une todas as mulheres da websérie – com exceção de Caroline Lee, por motivos óbvios, e da Sra. Bennet, que é mantida na ignorância. Lydia conta com o apoio de Jane, Mary, Charlotte e Gigi, mas é de Lizzie que ela ouve as palavras mais importantes, um pedido de desculpas por todos os erros cometidos e a afirmação do amor da irmã. Lydia se sente culpada pelo que aconteceu e cita uma frase de Lizzie: “Nada disso teria acontecido se eu não estivesse agindo como uma estúpida vadia oferecida, certo?” (THE LIZZIE BENNET DIARIES, 2013, Episódio 87 – An Understanding)³⁶. As palavras de Lizzie voltam para assombrá-la e mostrar as consequências que criticar outra mulher publicamente, especialmente acerca de sua sexualidade, pode trazer.

Às vezes eu me sinto tão esperta e racional e apropriadamente analítica sobre o mundo que me cerca. Eu sou uma estudante de pós-graduação, é o que eu faço, é o que eu deveria ter ferramentas para fazer: comunicar e relacionar e reconhecer que as pessoas não cabem em pequenas caixas, embrulhadas pra presente. (THE LIZZIE BENNET DIARIES, 2013, Episódio 87 – An Understanding)³⁷

O relacionamento que melhor se desenvolve e, talvez, o mais importante da websérie não é entre Lizzie e Darcy ou Jane e Bing Lee, mas entre Lizzie e Lydia. As consequências das atitudes impulsivas de Lydia e dos erros de julgamento e comportamento de Lizzie

³⁶ “None of this would have happened if I hadn’t been acting like a stupid, whorey slut again, right?”

³⁷ “Sometimes I feel so clever and so rational and so appropriately analytical about the world around me. I’m a grad student! It’s what I do, what I’m supposed to be skilled at doing. Communicating and relating and acknowledging that people do not fit into neat little boxes all wrapped and tied up in string.”

levam as irmãs a um processo de amadurecimento (mais doloroso para uma que para outra) e reconhecimento do outro. Lizzie aprende a não julgar os outros tão rapidamente, a ser mais cuidadosa com suas palavras e a apoiar aqueles que são diferentes. Lydia aprende que é importante ouvir os outros e, principalmente, compreende que algumas críticas nascem do amor e da preocupação, mesmo que demonstradas de uma forma ruim.

No ponto mais emocional dessa jornada, as duas se encontram abraçadas e enquanto pergunta “Por que ele não me amou, Lizzie? Eu o amo tanto. Por que ele não me amou?” (THE LIZZIE BENNET DIARIES, 2013, Episódio 87 – An Understanding)³⁸, Lydia ouve a resposta de Lizzie, que parece servir como uma solução para os problemas no relacionamento das personagens e um exemplo para as jovens mulheres assistindo a websérie, “Eu te amo. Eu te amo. Você tá me ouvindo? Eu te amo. *Você não está sozinha. Me perdoe por não estar por perto antes. Eu sinto muito por não ter entendido. Mas eu te amo.*”³⁹ (grifo meu).

³⁸ “Why didn’t he love me, Lizzie? I love him so much. Why didn’t he love me?”

³⁹ “I love you. I love you. Do you hear me? I love you. You are not alone. I’m sorry I wasn’t there before. I’m sorry I didn’t understand. But I love you.”

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em sua obra, Jane Austen escreveu sobre a situação das mulheres de seu tempo, suas identidades, possibilidades e limitações. Apesar de fazer parte de uma família que apoiava sua carreira, Jane Austen sofreu com as imposições sociais da sociedade inglesa. Para preservar a família, ela não assinava os próprios romances, que faziam sucesso. Após sua morte, seu irmão esforçou-se em perpetuar uma imagem inocente e passiva da autora.

Imposições sociais, embora sensivelmente amenizadas, ainda fazem parte da realidade das mulheres do século XXI. O comportamento em sociedade e as expressões da sexualidade ainda são fatores utilizados para julgar as mulheres. Mas muito maiores são suas possibilidades pessoais e profissionais. E as personagens de *The Lizzie Bennet Diaries* quebram e subvertem imposições e normas sociais assim como as expectativas do público que esperava repetição e se deparou com a variação, para utilizar os termos de Linda Hutcheon (2006). É importante ressaltar, porém, que da mesma maneira que Austen escreveu sobre a mulher burguesa de seu tempo, Hank Green e Bernie Su escreveram sobre mulheres modernas de classe média e que vivem em uma sociedade liberal.

Os produtores da websérie optaram por se concentrar em um aspecto do texto adaptado, *Orgulho e Preconceito*, pouco explorado em outras adaptações, as relações femininas. Em *The Lizzie Bennet Diaries*, existem não apenas mulheres de variadas personalidades, visões de mundo e ambições, elas também são muito importantes nas vidas umas das outras. Cada uma é apresentada ao público de forma que ressalte sua individualidade e sua importância na vida das irmãs e amigas.

Lizzie, nossa protagonista, valoriza muito sua vida profissional e deseja fazer alguma diferença no mundo. Ela passa pelo mesmo tipo de aprendizado que sua contraparte literária, compreendendo melhor as pessoas ao seu redor e reavaliando seus próprios julgamentos. Jane Bennet, apesar de uma aparente fragilidade, luta por sua independência, trabalha duro por uma carreira e se impõe quando magoada ou ameaçada. Charlotte Lu é pragmática e extremamente profissional, e também uma amiga dedicada que se esforça para ver aqueles que ama atingirem seu potencial. Gigi, que esconde um trauma com a sua alegria, encontra forças quando alguém precisa de ajuda. Lydia parece apenas uma jovem festeira e inconsequente, mas é carente e insegura e sempre tenta apoiar as irmãs e a prima.

Assim como Jane Austen utilizou um meio relativamente novo, o romance, para contar uma história da perspectiva feminina, e essa história soava familiar ao público apesar de

conter elementos subversivos, Hank Green e Bernie Su utilizaram um meio inovador – a narrativa transmídia – para adaptar o romance de Austen e apresentar sua visão. Foi através desse meio que eles puderam dar voz e vez a várias personagens, não apenas Lizzie. *The Lizzie Bennet Diaries* é uma narrativa coletiva, construída por perspectivas múltiplas, apesar do título.

A obra se destaca entre as adaptações da obra de Jane Austen por seu formato inovador e pelo foco nas personagens femininas, e são essas características que a fazem relevante para um estudo. Cada adaptador é um autor e cada adaptação uma nova obra, mesmo que com aspectos reconhecíveis, e tanto aspectos familiares quanto os subversivos são dignos de nota.

O objetivo deste trabalho era fazer uma leitura crítica da websérie, discutindo as relações femininas e o papel da mulher na sociedade e investigando os caminhos escolhidos pelos adaptadores. Foi então traçado um panorama dos aspectos pertinentes à criação da websérie, partindo das características da escrita de Austen, passando pela discussão de outras adaptações e a introdução do formato escolhido por Green e Su, e chegando às escolhas ideológicas feitas pelos produtores e a forma como elas foram inseridas no produto final.

Os responsáveis por *The Lizzie Bennet Diaries* criaram uma obra que adapta o romance de Austen, homenageando a bela narrativa, mas também criticando o julgamento moral e o destino dado a algumas personagens – e que eram comuns na sociedade inglesa do início do século XIX. Além do foco nas personagens femininas, dando destaque aos diferentes ideais de felicidade e às variadas formas de alcançá-los, os produtores mostraram a importância que a cumplicidade e o respeito têm na vida das mulheres. Após conquistar a independência, as mulheres do século XXI precisam reconhecer o poder da união.

REFERÊNCIAS

AUSTEN, Jane. *Orgulho e Preconceito*. Tradução: Alexandre Barbosa de Souza. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011. 569 p.

AUSTEN, Jane; JONES, Viven. *Selected Letters*. New York: Oxford University Press, 2004. 294 p.

AZEREDO, Genilda. *Jane Austen, Adaptação e Ironia: Leitura Introdutória de Emma*. Revista Graphos, João Pessoa, v. IV, n.1, p. 39-45, 1999.

AZEREDO, Genilda. *Para celebrar Jane Austen: Diálogos entre literatura e cinema*. Curitiba: Appris, 2013. 108 p.

CHUNG, Nicole S. *This Jane Austen Adaptation for the Youtube Generation Is Actually Wonderful*. Bitch Media. Portland, 12 de jun. 2014. Disponível em: <<https://bitchmedia.org/post/this-jane-austen-adaptation-for-the-youtube-generation-is-actually-wonderful>>. Acesso em 25 de junho de 2015.

FERGUS, Jan. *The Professional Women Writer*. In: COPELAND, Edward; MCMASTER, Juliet (Org). *The Cambridge Companion to Jane Austen*. Cambridge, United Kingdom: Cambridge University Press, 1997, p. 12 - 31.

FIELDING, Helen. *O Diário de Bridget Jones*. São Paulo: Record, 1998. 320p.

FLORA, Luísa Maria Rodrigues. *Bildungsroman*. E-Dicionário de Termos Literários. Coordenação de Carlos Ceia. Disponível em: <<http://edtl.fcsh.unl.pt/business-directory/6102/bildungsroman/>>. Acesso em: 10 de agosto de 2015.

GREEN, Hank. *Interview #2 – The Lizzie Bennet Diaries*. In: _____ Hank's Tumblr. [S.l.], 04 de mar. 2013. Disponível em: <<http://edwardspoonhands.com/post/44589988761/interview-2-lizzie-bennet-diaries>>. Acesso em: 20 de julho de 2014.

GREEN, Hank. *The Lizzie Bennet Diaries*. In: _____. Hank's Tumblr. [S.l], 09 de abr. 2012. Disponível em: < <http://edwardspoonhands.com/post/20791746020/the-lizzie-bennet-diaries>>. Acesso em: 20 de julho de 2014

GREENFIELD, Susan Celia. *Of Jane Austen, the Bennet Sisters ... and VAWA?*. Ms. Magazine. Beverly Hills, 06 de mar. 2013. Disponível em: <http://msmagazine.com/blog/2013/03/06/of-jane-austen-the-bennet-sisters-and-vawa/> . Acesso em: 20 de julho de 2014.

GREENFIELD, Susan Celia. *Pride and Prejudice at 200: Stop Looking for Mr. Darcy!*. Ms. Magazine. Beverly Hills, 28 de jan. 2013. Disponível em: <http://msmagazine.com/blog/2013/01/28/pride-and-prejudice-at-200-stop-looking-for-mr-darcy/>. Acesso em: 20 de julho de 2014.

HUTCHEON, Linda. *Beginning to theorize adaptation*. In: _____. A Theory of Adaptation. New York: Routledge, 2006, p. 1 – 32.

JENKINS, Henry. *Em busca do unicórnio de origami*. In: _____. Cultura da convergência. 2. ed. rev. e atual. São Paulo, SP: Aleph, 2009. p. 135 – 186.

JONES, Vivien. *Prefácio*. In: AUSTEN, Jane. Orgulho e Preconceito. Tradução: Alexandre Barbosa de Souza. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011. p. 9 – 41.

LOOSER, Devoney. *Feminist Implications of the Silver Screen Austen*. In: TROOST, Linda. GREENFIELD, Sayre. Jane Austen in Hollywood. 2. ed. Lexington, EUA: The University Press of Kentucky, 2001. p. 159-176

LOST IN AUSTEN. Minissérie. Direção: Dan Zeff. Produção: Kate McKerell. EUA: Image, 2008. DVD. Color. 180 min.

MANSFIELD PARK. Direção: Patricia Rozema. Produção: Sarah Curtis. EUA: Lionsgate, 1999. DVD. Color. 112 min.

O DIÁRIO DE BRIDGET JONES. Direção: Sharon Maguire. Produção: Tim Bevan et al. Grã-Bretanha: Universal Pictures, 2001. DVD. Color. 97 min.

ORGULHO E PRECONCEITO. Direção: Joe Wright. Produção: Tim Bevan et al. Grã-Bretanha: Universal Pictures, 2005. DVD. Color. 127 min.

ORGULHO E PRECONCEITO. Minissérie. Direção: Simon Langton. Produção: Sue Birtwistle. Grã-Bretanha: BBC, 2005. DVD. Color. 327 min.

PALIMPSESTO. In: Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico. Porto: Porto Editora, 2003-2016. Disponível em: <<http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/palimpsesto>>. Acesso em: 24 de julho de 2016.

RAZÃO E SENSIBILIDADE. Direção: Ang Lee. Produção: Lindsay Doran et al. Estados Unidos: Sony Pictures, 1995. DVD. Color. 136 min.

SLUT-SHAMING. Wikipedia. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Slut-shaming>>. Acesso em: 07 de agosto de 2016.

SU, Bernie. *LBD – Answering Questions*. In: _____ Bernie Tumbles. Los Angeles, 08 de fev. 2013. Disponível em: <<http://berniesu.tumblr.com/post/42620201851/lbd-answering-questions-clearing-out-the>>. Acesso em: 20 de julho 2014.

SU, Bernie. *LBD – Balancing Transmedia and Lizzie showing/saying stuff that probably should be private*. In: _____ Bernie Tumbles. Los Angeles, 05 de fev. 2013. Disponível em: <<http://berniesu.tumblr.com/post/42387800659/lbd-balancing-transmedia-and-lizzie>>. Acesso em 20 de julho de 2014.

SU, Bernie. *Lizzie Bennet BTS: The Yay Charlotte Effect*. In: _____ Bernie Tumbles. Los Angeles, 02 de jun. 2012. Disponível em: <<http://berniesu.tumblr.com/post/24285172336/lizzie-bennet-bts-the-yay-charlotte-effect>>. Acesso em 20 de julho de 2014.

SU, Bernie. RORICK, Kate. *O Diário secreto de Lizzie Bennet*. Tradução Claudia Mello Belhassof. Campinas, SP: Verus, 2014. 364p.

THE LIZZIE BENNET DIARIES. Direção: Bernie Su. Produção: Bernie Su e Hank Green. Estados Unidos: Pemberley Digital, 2013. 9 DVDs. Color.

TROOST, Linda. GREENFIELD, Sayre. *Introduction: Watching Ourselves Watching*. In: _____. *Jane Austen in Hollywood*. 2. ed. Lexington, EUA: The University Press of Kentucky, 2001. p. 1-12

VASCONCELOS, Sandra Guardini T. *Construções do Feminino no Romance Inglês do Século XVIII*. Revista Polifonia. Nº 2. Cuiabá: EdUFMT, 1995. P. 85 - 100.

_____. *Literature and Cinema: Images of Femininity in Pride and Prejudice*. Revista Ilha do Desterro, Florianópolis, nº 42, p. 317-336, 2002.

WATT, Ian. *A Ascensão do Romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. 278p.

WEBSÉRIE. Wikipedia. Disponível em: < <https://pt.wikipedia.org/wiki/Webs%C3%A9rie>>. Acesso em: 07 de agosto de 2016.

WOOLF, Virginia. *Um Teto Todo Seu*. Tradução: Bia Nunes de Sousa, Glauco Mattoso. São Paulo: Tordesilhas, 2014. 192p.